

NÃO QUERER SABER?

Esforcei-me por me pôr na pele de Fernando Medina para compreender a sua ameaça de processos em tribunal. Sinto alguma empatia pelo seu exaspero. Mas a sua reação é inadmissível. Se não gosta do escrutínio a que o cargo está sujeito, tem bom remédio, vá-se embora. Abandone o Governo, eventualmente a política, e volte para a sua profissão. Se quer ser ministro, ainda para mais sendo um dos principais candidatos à sucessão do primeiro, não há como fugir.

Percebo a indignação, é injusto que a mulher apanhe por uma escolha que não foi dela. Mas, como me dizia João Marques de Almeida no nosso programa semanal “Fora do Baralho”, na Rádio Observador, que culpa têm os jornalistas e os comentadores que o Governo do país e das empresas públicas esteja pejado de relações familiares? As relações familiares e de amizade são tantas que é irrazoável não ter isso em atenção.

Num escândalo com uma indemnização paga pela TAP a uma secretária de Estado do seu ministério, sendo que a sua mulher era a diretora jurídica da TAP, devemos fazer de conta que isso é irrelevante? Estava de licença de maternidade — parabéns a ambos pelo rebento —, mas isso é razão para nada saber? Devemos, simplesmente, aceitar que a diretora do departamento jurídico da TAP não se informou do acordo de rescisão a que a sua empresa chegou com uma administradora? Não ter estado envolvida nas negociações, mesmo que não estivesse de licença de parto — em especial se era amiga de Alexandra Reis —, é normal. Mas, depois destas fechadas, nem perguntar à amiga ou aos seus antigos colegas no departamento jurídico quais os valores envolvidos? Não havia um pouquinho de curiosidade?

Nem em maio, quando houve notícias a falar em indemnização milionária, pegou no telefone para saber que valores eram esses? Bem sei que já se tinha demitido da sua posição na TAP, mas e então? Apagou todos os contactos da agenda e não sabia a quem perguntar? Ou não quis informar-se? Reconheço que estou a inquiri-la por ser mulher do atual ministro das Finanças, mas Stéphanie Sá da Silva também era a diretora jurídica de uma empresa onde os portugueses empataram milhares de milhões de euros. Isso também traz escrutínio. Fingimos que estas perguntas não vêm à cabeça de qualquer pessoa normal?



Luís Aguiar-Conraria
Professor de Economia da Universidade do Minho
lfaguiar@eeg.uminho.pt

Não vou ao ponto de dizer que Fernando Medina mente quando diz que não sabia da indemnização. Mas teve de se esforçar muito para manter a ignorância. Para se empenhar tanto em não saber é porque sabia que era melhor não saber. Tal como o pior cego é o que não quer ver, o pior ignorante é o que não quer saber.

Agora Medina que se ponha na nossa pele. Vemos o Estado, a alta Administração Pública e as grandes empresas públicas serem colonizados pela família socialista e os seus *boys e girls*. Casos de nepotismo que saltam à vista. Vemos escândalos sucessivos na gestão da coisa pública. São centenas de milhares de euros para pavilhões por construir, orçamentos que derrapam, indemnizações absurdas pagas por empresas públicas a pessoas que não só não saem da esfera do Estado como até vão para o Governo. E ainda vos temos de aturar com ameaças de processos porque achamos a história mal contada?

Uma empresa familiar?

Cada vez mais o país é gerido como se de uma empresa familiar se tratasse. Só no Conselho de Administração, também designado por Conselho de Ministros, já vimos pai e filha, marido e mulher e irmã e irmão.

Na altura em que os blogues tinham importância, Galamba destacava-se no apoio empenhado às políticas erradas de José Sócrates

As pessoas chegam lá por um sistema de promoções internas que é a inveja de qualquer carreira. A nova ministra da Habitação, Mariana Sola Gonçalves, começou como assessora parlamentar do Partido Socialista. Mais tarde tornou-se assessora do secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, Pedro Nuno Santos. Depois, foi deputada na Assembleia da República. Posteriormente, tornou-se chefe de Gabinete de Pedro Nuno Santos. De seguida, foi secretária de Estado da Habitação. Finalmente, é ministra. Peço desculpa se troquei a ordem das promoções, mas será problemático: como na multiplicação, goza da propriedade comutativa, a ordem dos fatores não altera o produto, que, neste caso, é uma carreira fulgurante!

Estar errado no momento certo

Fala-se muito da necessidade de estar certo na altura certa. Mas a verdadeira arte, como uma vez Medeiros Ferreira explicou, é estar errado no momento certo. João Galamba é um mestre dessa arte.

Na altura em que os blogues tinham importância, Galamba destacava-se no apoio empenhado às políticas erradas de José Sócrates. Aliava o seu estilo arruaceiro a uma certa arrogância intelectual, talvez por estar (ou ter estado) a tentar fazer doutoramento em Ciência Política em Londres, o que lhe permitia citar autores.

O empenho foi premiado com um convite para ser deputado pelo PS em 2009. As políticas que tão veementemente defendia eram tão erradas que pouco depois estávamos à beira na bancarrota. De seguida, continuou errado, sendo um dos indefetíveis de Sócrates, mesmo depois de perder as eleições e por aí andar a fazer mestradados. Na companhia de algumas pessoas certas, Augusto Santos Silva, por exemplo, foi-lhe fiel até ao fim. O resto é história. No Parlamento, voltou a errar na altura certa, com a oposição que fez a António José Seguro. Com a “geringonça”, Galamba, antes um crítico da esquerda radical, até em público passou a namorar (politicamente, entenda-se) com Mariana Mortágua.

Na Energia, recebeu um presente envenenado, mas foi um secretário de Estado à altura de uma pasta complexa. Teve o mérito de ser a pessoa certa no sítio certo no momento certo. Com a saída de Pedro Nuno Santos, a ala esquerda do PS passa a ter em Galamba o seu novo representante no Conselho de Ministros.